



Acta Scientiarum. Health Sciences

ISSN: 1679-9291

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Pelloso, Sandra Marisa; de Barros Carvalho, Maria Dalva; Higarashi, Ieda Harumi
Sexualidade e gênero: um estudo com adolescentes em um município de pequeno porte do Noroeste
do Paraná

Acta Scientiarum. Health Sciences, vol. 30, núm. 2, 2008, pp. 113-119

Universidade Estadual de Maringá

Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307226623004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Sexualidade e gênero: um estudo com adolescentes em um município de pequeno porte do Noroeste do Paraná

Sandra Marisa Pelloso^{1*}, Maria Dalva de Barros Carvalho² e Ieda Harumi Higarashi¹

¹Departamento de Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Maringá, Av Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. ²Departamento de Medicina, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: smpelloso@uem.br

RESUMO. Este trabalho objetivou compreender a vivência da sexualidade de jovens de 12 a 19 anos de ambos os sexos, com ênfase nas questões de gênero. Trata-se de um estudo descritivo exploratório. Dele participaram 80 adolescentes de um município de pequeno porte do Noroeste do Paraná. Os resultados revelaram grande discrepância de conhecimento e vivência entre meninos e meninas, relacionada às modificações do corpo, aos métodos contraceptivos, à facilidade em conversar a respeito de sexo, à virgindade, aos relacionamentos e aos motivos que os levaram à iniciação sexual. Concluiu-se pela urgente necessidade de criação de oportunidades e espaços para os adolescentes discutirem e refletirem sobre sexualidade e gênero.

Palavras-chave: sexualidade, gênero, adolescência.

ABSTRACT. *Sexuality and gender: a study on teenagers in a small town in Northwestern Paraná, Brazil.* This study aimed to understand the experiencing of sexuality by young people, aged 12 to 19 years old, of both sexes, with special reference to gender problems. The research consists of an exploratory, descriptive study. Eighty teenagers from a small town in the northwestern region of the state of Paraná, Brazil, were the subjects. Results showed a wide discrepancy of knowledge between males and females with regard to body changes, contraceptive methods, difficulties in talking about facts of life, virginity, relationships and motives that lead to sexual intercourse. A space in which teenagers may discuss and reflect on sexuality and gender is a necessity.

Key words: sexuality, gender, adolescence.

Introdução

A adolescência não pode apenas ser vista como um fato biológico universal e transcultural, mas, sim, um fenômeno construído por influências econômicas e culturais que também afetam o exercício da sexualidade (Gregori e Arilha, 1999).

Esse período da vida é caracterizado por mudanças físicas, psicossociais e biológicas. É a fase de questionamentos, de rebeldia, da descoberta do próprio corpo, da sexualidade e da timidez. Também é a época de dúvidas, angústias, ambivalências e sofrimentos.

É nesse momento que o jovem começa a se definir em sua vida, em sua profissão e em sua sexualidade. Momento em que o indivíduo se dá conta de que é, e sempre será um ser sexualizado (Bandeira, 1999).

Na adolescência, junto com a consolidação da identidade de sexo, consolida-se também a identidade de gênero. Isso permite ao ser humano a possibilidade de elaborar sua relação com o fenômeno da diferença, que tem sua expressão mais

nítida na sexualidade, mas em muito a extrapola (Pinto, 1999).

O conceito de gênero critica a condição de homem e mulher fixada na diferença sexual. Procura promover a distinção entre sexo e gênero, entre o que é e o que socialmente se constrói e destaca que a realidade expressa é sempre a realidade construída. Por serem socialmente construídos, gênero e sexualidade são fenômenos locais e, assim, variáveis (Suarez *et al.*, 1999).

Na adolescência, quando as mudanças estão consolidando-se, é que o jovem precisa, mais do que nunca, de apoio, compreensão e informações claras. Necessita, ainda, da garantia de suporte afetivo e de espaços permanentes para questionamentos, reflexões e diálogos, favorecendo o desenvolvimento de seu potencial pleno, como um ser inserido na sociedade.

Compreender o fenômeno da sexualidade nos adolescentes, a partir das relações de gênero, permite situá-lo no contexto social, o que implica ir além das questões biológicas e epidemiológicas (Almeida e Hardy, 2007).

Aceitando, em princípio, que a sexualidade é influenciada pelo gênero, este trabalho tem como objetivo principal conhecer como os adolescentes de ambos os sexos vivenciam as questões: sexualidade e gênero.

Material e métodos

Trata-se de um estudo descritivo exploratório. A amostra do estudo foi determinada pelo critério de conveniência, com a participação de 80 adolescentes, alunos de uma escola estadual de um município de pequeno porte do Noroeste do Paraná que compareceram a uma palestra agendada sobre a temática saúde sexual e reprodutiva entre adolescentes.

A coleta de dados foi autorizada pelo Diretor da escola. Os alunos foram informados sobre o objetivo da pesquisa e concordaram em participar do estudo, mediante a assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário com dez perguntas abertas e dez fechadas. Os temas abordados no instrumento envolviam sexualidade e mudanças corporais, relacionamento e iniciação sexual e sexualidade e contracepção.

Os dados foram colhidos em um único dia, com os alunos separados em duas salas de aula. Antes de proceder-se ao preenchimento do questionário, os alunos foram instruídos a fazerem à leitura de todas as questões, de modo a levantar as dúvidas relativas à compreensão de algum segmento. Os esclarecimentos necessários foram prestados de forma coletiva, para então dar início ao preenchimento das respostas pelos participantes. O tempo utilizado pelos alunos para preenchimento variou de 14 a 39 min.

Resultados e discussão

Os adolescentes do sexo masculino entrevistados eram em número de 24, com idade variando de 13 a 19 anos. A maior incidência encontrava-se na faixa etária de 13 a 15 anos, perfazendo 87,5% do total de participantes.

As 56 adolescentes participantes do estudo tinham idade entre 12 e 19 anos. A maior incidência estava na faixa etária de 14 a 16 anos, com 78,5% do total. Chama a atenção o número de meninas adolescentes com 17 e 18 anos frequentando ainda o ensino fundamental (16%), fato não verificado entre os participantes do sexo masculino.

Após exaustiva leitura das respostas dos adolescentes ao questionário, os dados foram

agrupados em categorias maiores que permitiram análise e reflexão mais sistematizada da questão de gênero e sexualidade, que se passa agora a nominar e discutir.

Categoria 1 – sexualidade e as mudanças corporais

De modo geral, os adolescentes reconhecem e identificam as mudanças pelas quais passam seus corpos. Todavia, as meninas são mais minuciosas ao descrevê-las, incluindo os eventos psicológicos entre as alterações, coisa nem sequer cogitada pelos meninos. Estes, por sua vez, tendiam a ser concisos e objetivos em suas descrições.

Gênero não é diferença sexual em si mesmo, mas a representação dessa diferença no âmbito do imaginário e do desempenho social. Assim, os homens são geralmente concebidos como pessoas ativas, agressivas e objetivas, ao passo que as mulheres são definidas mais em termos de posturas passivas, receptivas e emotivas (Borges e Schor, 2005). As respostas dos adolescentes, e que constituem o objeto deste estudo, vêm corroborar essa caracterização.

Em relação às causas das mudanças e transformações do corpo e da fisiologia na adolescência, em geral, tanto os meninos quanto as meninas revelaram certo grau de desconhecimento, embora as garotas demonstrassem domínio de conteúdo mais amplo do que os meninos.

Ao contrário do que as observações de caráter empírico têm demonstrado, entre a população investigada, a grande maioria dos entrevistados de ambos os sexos referiu estar satisfeita com seus corpos: 75,0% das meninas e 87,5% dos meninos.

Esse dado, de certo modo, parece destoar dos contextos atuais, que delineiam uma sociedade cada vez mais voltada à hipervalorização e culto ao corpo e que estabelecem padrões de beleza, perseguidos pelos adolescentes, mas, em geral, muito distantes do biótipo da população comum.

No entanto, talvez em função do contexto socioeconômico no qual estes adolescentes estão inseridos, e das prioridades que se colocam em seu cotidiano, estes não compartilhem as preocupações com a busca do corpo perfeito, presentes entre adolescentes e indivíduos de classes economicamente favorecidas.

A mudança fisiológica no corpo feminino, e em especial a menstruação, considerada um rito de passagem para a vida adulta, constitui-se em situação vivenciada pela maioria das entrevistadas. Contudo, chama a atenção o fato de a maioria das participantes não saber explicar esse fenômeno e, ao tentar explicar a respeito, fazê-lo de maneira ingênua e simplória.

Em relação aos meninos, o questionamento foi quanto à poluição noturna. Metade dos jovens já havia passado por essa experiência. Assim como as meninas, não souberam explicar o porquê desse evento.

Percebe-se que, mesmo tendo mais acesso às informações, os jovens continuam ignorantes acerca daquilo que acontece com seus próprios corpos. É possível que esse desconhecimento também esteja presente em relação ao outro corpo, o do sexo oposto. Isso poderia explicar, em parte, os altos índices de gestações precoces e de doenças sexualmente transmissíveis. Para Vieira, ter conhecimento não significa necessariamente ser qualitativamente adequado, o que explica também a construção social sobre os mitos dos anticoncepcionais (Vieira, 2003)

Além da questão do acesso à informação, ainda que possa ter aumentado em função do fenômeno da globalização e da ampliação gradativa dos meios de comunicação, há de se refletir acerca da qualidade e adequação dessa informação. Assim, embora o adolescente esteja exposto a vários estímulos e informações, isto por si só não parece garantir a apreensão dos conteúdos de forma efetiva. Dessa forma, não há aprendizagem de fato, nem internalização de conhecimentos, tampouco mudança de comportamentos. Isso permite inferir a existência de uma lacuna, que necessita da participação de uma figura mediadora do processo, que atue como agente informador/educador, capaz de trabalhar essas questões em profundidade e de forma adequada a responder às demandas de cada clientela em especial.

Aliado a esse fator, a própria falta de acesso à informação sistematizada e a falta de hábitos de leitura contribuem para a crescente dificuldade entre muitos jovens, provenientes das variadas camadas sociais, em refletir acerca de suas próprias idéias, opiniões e dúvidas sobre assuntos que requerem certo grau de abstração, vocabulário e corpo de conhecimento minimamente estruturado. Todas essas considerações já foram levantadas como motivo de grande preocupação pelo Ministério da Saúde, quando constatou o aumento crescente de casos de infecção de HIV, de DSTs e de gravidez na adolescência (Brasil, 1997).

Um dado que se sobressai dentre os diferentes aspectos que envolvem a questão de gênero e do conhecimento acerca da sexualidade humana é em relação à fonte de informação sobre as mudanças físicas que ocorrem na adolescência. As meninas, em sua grande maioria, recorrem às mães para sanar suas dúvidas. Nenhuma delas se referiu à figura paterna

como fonte de informação sobre o assunto. O papel da mulher, definido socialmente como a responsável pelo lar, pelos filhos, pela educação, ratifica-se aqui de maneira inequívoca. O gênero feminino é remetido tradicionalmente à esfera da função familiar e doméstica, com ênfase à maternidade, à educação e aos cuidados com a prole.

Esse aspecto é identificado por Suarez *et al.* (1999) quando afirmam que as mulheres são mães por natureza, e são responsáveis pela estrutura familiar. Fica por vezes a impressão de que, ainda nos dias de hoje, quando algo acomete um filho ou filha, seja este de tenra idade ou jovem, caberá à mãe a maior parte da responsabilização, cobrança ou culpa por isso.

Entre os meninos, em contraposição aos achados no grupo feminino do estudo, há referência aos amigos e colegas do mesmo sexo como principais fontes de informação e discussão sobre assuntos relacionados à sexualidade.

Esse comportamento confirma a importância dos papéis sociais na identidade de gênero. Assim, no processo de construção social do gênero masculino, percebe-se que a designação de seu lugar na esfera pública é, invariavelmente, vinculada à idéia de assumir o papel de provedor da família, cuja função primordial é trazer o recurso financeiro de fora do núcleo familiar, no sentido de promover o sustento deste.

Do mesmo modo, configura-se como membro pouco participativo nos problemas internos, inerentes às relações que se estabelecem dentro desse núcleo. Prevalece, ainda hoje, a idéia de que o papel de educar e criar os filhos é exclusivo da figura materna, ao passo que ao homem cabe o papel de relacionar-se com os meios de produção e de ganho financeiro, de modo a propiciar um suporte material à célula familiar, ao mesmo tempo em que se distancia dos problemas que emergem do seu interior.

Essa relação acaba por perpetuar-se pelas gerações seguintes. Assim, mesmo entre os filhos do sexo feminino, prevalece o entendimento de ser da mãe a responsabilidade e a função de provedora de apoio e conforto, ao mesmo tempo que o pai se constitui como alguém que não tem disponibilidade para o exercício dessas funções de cunho doméstico.

Inserido nessa perspectiva de papéis e nesse ideário de figura masculina, o menino acaba por espelhar-se, quando sempre procura no mundo exterior – tido então como seu habitat para o exercício de seu papel social – e fora do núcleo familiar as informações que julga necessárias à construção de seu perfil de homem: futuro provedor

da família, corajoso, destemido e conhecedor de sua posição nos assuntos que envolvem a sexualidade. O papel de provedor da família é atribuído ao homem e por ele assumido dentro do contexto das relações de gênero, e o trabalho é condição indispensável para isso (Engle e Leonard, 1998). Ademais, os homens aprendem a valorizar a atividade sexual como algo que legitima sua identidade masculina: ser homem é desempenhar o papel de quem domina e penetra outros (Daniel e Parker, 1991). Nesta mesma linha de pensamento, as atividades sexuais para os homens são estimuladas de tal modo que se espera que tenham muita curiosidade sobre o sexo e que busquem livremente a satisfação com inúmeras experiências (Almeida e Hardy, 2007).

Nas raras situações em que os garotos procuram orientação em casa, igualmente se referem apenas às mães como fonte de informação. A figura paterna, também nesses casos, fica relegada a segundo plano, reforçando a questão da construção social dos papéis masculino e feminino, já que cabe à mãe a incumbência de informar, educar e formar os filhos, sejam estes pertencentes ao seu gênero ou não.

Categoria 2 – relacionamento e iniciação sexual

Neste item, a intenção era reconhecer como os adolescentes vivenciavam o relacionamento e o envolvimento sexual.

Adolescentes de ambos os sexos conceituaram o comportamento do “ficar” de maneira similar, designando uma situação de estar com alguém do sexo oposto, com certo grau de intimidade de caráter sexual.

Todavia, ao detalharem tal conceituação, percebem-se diferenças que mais uma vez apontam para a influência do gênero, a começar pelo detalhamento e complexidade das explicações. Assim, as meninas demonstraram maior fluência e aprofundamento ao distinguirem o “ficar” do “namorar”, dando a este um caráter mais afetivo e uma conotação de amor, responsabilidade, cumplicidade, confiança e de “coisa reservada”.

Tais respostas mais uma vez reiteram a forma distinta de construção social dos gêneros: a identidade masculina, embasada numa percepção mais objetiva das situações, e a feminina, pautada no subjetivismo e na interpretação das relações.

No que tange à experienciação de envolvimento sexuais pelos participantes, a maioria dos adolescentes referiu ainda não ter namorado, mas já ter ficado com alguém nos últimos seis meses. Entretanto, os meninos, diferentemente das meninas, em sua expressa maioria não cultivam o hábito de ficar com a mesma pessoa. Consta-se, nessas práticas, o código de valores do modelo da

sociedade vigente, qual seja: a iniciativa e a experiência vinculada a um maior número de parceiras são comportamentos que fazem parte da sexualidade masculina, ao passo que a espera, a menor experiência sexual e o resguardo físico são atributos que constituem a natureza e a sexualidade femininas. As mulheres continuam guardando a primeira vez para ser compartilhada com pessoas cujo relacionamento compreende um compromisso (Borges e Schor, 2005). Para os meninos, é o momento de iniciação pessoal no qual a relação com a parceira pouco importa (Heilborn, 1999). Estudos com adolescentes revelam que, para esses jovens, a sexualidade masculina deve ser praticada para obter satisfação de necessidades corporais e de prazer. Entretanto, entendem que, se as mulheres tivessem o mesmo comportamento, seriam promíscuas (Almeida e Hardy, 2007). Pesquisa realizada em São Paulo concluiu que 82,65% das meninas iniciaram sua vida sexual com pessoas com as quais tinham relacionamento estável, contra 32,6% dos meninos, indicando, mais uma vez, a construção social dos papéis masculino e feminino no desenvolvimento da sexualidade (Borges e Schor, 2005).

Em relação à virgindade, a maior parte das meninas revelou ter medo de perdê-la (68,0%). Elas justificaram esse comportamento, alegando motivos pessoais e sociais. De um lado, não se acham preparadas para isso, considerando a relação sexual um ato íntimo e que requer o momento adequado, a hora certa e a pessoa certa. Referiram também, em sua argumentação, que é necessário envolvimento emocional e responsabilidade para tanto, complementando que o conceito de virgindade ainda se relaciona com o sentimento de segurança quanto ao aporte moral da mulher, valorizado pela sociedade, e de onde advém a preocupação quanto à sua preservação.

Já com relação à grande maioria dos meninos (95,0%), estes não relataram ter receio de perder a virgindade. Entendem tratar-se de um acontecimento normal e prazeroso, que “teria que acontecer um dia”. Por outro lado, os meninos mostraram-se capazes de reconhecer e compreender a importância da iniciação sexual e da virgindade, e até mesmo o receio manifestado pelas meninas em perdê-la.

A diferença entre os gêneros é expressa de forma contundente, na manifestação e respostas entre meninos e meninas à mesma questão: Você tem medo de perder a virgindade? A totalidade dos meninos respondeu “Claro que não”, enquanto a totalidade das meninas respondeu “Claro que sim”.

Desse modo, a questão do gênero se evidencia na vida cotidiana dos adolescentes principalmente em relação aos valores.

Para alcançar a igualdade de gênero é preciso destituir-se da condição moldada na infância, e as mulheres podem exercer sua sexualidade de forma plena e igualitária, sem a atual repressão social, e os homens poderiam seguir outro modelo de masculinidade e sentirem-se plenos nas suas condutas, sem a opressão do atual modelo hegemônico (Torres *et al.*, 2007).

Categoria 3 – sexualidade e contraceção

Ao contrário do que afirma o senso comum, os jovens alvo deste estudo, em sua grande maioria, ainda não iniciaram sua vida sexual. Apenas três (5%) meninas e cinco (20%) meninos referiram ter vida sexual ativa.

De modo geral, as meninas tiveram a iniciação sexual (entre 15 e 17 anos) mais tarde que os meninos (entre 11 e 16 anos). No Brasil, a mediana de idade da primeira relação sexual foi de 19,5 para as mulheres e 16,7 para os homens (Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil, 1997). Os dados da presente pesquisa diferem um pouco dos encontrados no estudo em relação à idade em que as meninas iniciaram a vida sexual, todavia, houve concordância quanto aos garotos.

Segundo dados do Ministério da Saúde, em 1998, 46,7% dos adolescentes do sexo masculino tinham iniciado a vida sexual antes dos 14 anos e, entre as meninas, o percentual foi de 32,3 (Brasil, 2000). Tais números reafirmam a influência do gênero na iniciação sexual dos adolescentes.

Os motivos apontados e que levaram os participantes a essa iniciação foram diferentes: entre os garotos, o principal motivador alegado foi o fato de serem homens e, entre as garotas, o amor e a vontade de conhecer.

Os sentimentos envolvidos nessa experiência, segundo os participantes, foram amor para as meninas e atração física para os meninos. Após o ato sexual, as meninas referiram ter sentido amor, realização e medo, ao passo que os meninos revelaram prazer e medo. Para a maioria dos dois grupos estudados, a experiência sexual teve como desfecho o fim da relação.

Essas respostas revelam como as diferenças entre sexos não são apenas biológicas, mas também, e principalmente, construídas socialmente e em bases éticas, psicológicas e culturais. Os papéis sociais de gênero são aprendidos na infância e se sedimentam na juventude (Costa, 1998). Assim, o garoto tem sua iniciação sexual porque é homem, é macho e, de tal forma, suprime-se a necessidade de apontar qualquer outra justificativa. Para as garotas, a justificativa volta-se mais para o nível psicológico,

individual e doméstico, designando motivações como o amor e a vontade de querer conhecer melhor a pessoa com a qual se envolveram. Essas diferenças são extensivas aos sentimentos vividos após a experiência sexual.

Todavia, o medo após a relação sexual foi sentimento comum aos dois grupos. Isso talvez possa ser explicado pela importância da iniciação sexual na vida dos adolescentes. Tal sentimento também pode estar associado à consciência, ainda que incipiente, com relação às doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez indesejada.

Um fato que chamou a atenção neste estudo foi o grau de conhecimento dos jovens sobre os métodos contraceptivos e o seu uso. Entre as meninas, 90,0% conheciam algum método contraceptivo, e as três que revelaram ter vida sexual ativa faziam uso de algum desses métodos. Entre os meninos, um terço conhecia algum método contraceptivo, e metade dos que têm vida sexual ativa fazia uso de algum deles.

Observou-se aqui a preocupação da maioria representativa das jovens (meninas) quanto às conseqüências da relação sexual. Assim, a construção social do gênero, historicamente, tem remetido à mulher o papel de responsável pela contraceção, já que a maior parte das conseqüências do ato sexual, no concernente aos encargos físicos, emocionais, sociais e financeiros, sejam em termos de uma gravidez indesejada, sejam em termos de sua imagem junto à comunidade em que está inserida, recaem invariavelmente sobre a mulher.

Considerações finais

A diferença entre homens e mulheres não se resume apenas aos aspectos físicos, biológicos entre os gêneros masculino e feminino. Na verdade, tal diferenciação se insere muito mais em uma realidade sociopsicológica, que se constrói no cotidiano das relações, envolvendo as crenças, os costumes, a religião e as leis que orientam um país ou sociedade.

Tendo como norteador tal premissa, é possível compreender as disparidades encontradas nas experiências, respostas e posturas de adolescentes de sexos diferentes frente à temática deste estudo, qual seja, a sexualidade.

Por meio dos relatos obtidos, percebe-se a nítida reprodução de valores culturais e sociais que delinham a condição de gênero, construída por meio das vivências e interações sociais e que, na maioria das vezes, nem sequer é percebida e/ou trabalhada pelos profissionais de educação ou saúde que atuam junto a essa clientela.

O modo diferenciado como os adolescentes compreendem a sexualidade revela que, mais que a condição biológica, as construções sociais e psicológicas são as responsáveis por posicionamentos tão díspares entre os jovens com relação à vivência da sexualidade. Exemplo contundente dessa construção se configurou quando da abordagem dos participantes quanto ao uso de anticoncepcionais, evidenciando as motivações socialmente construídas e prevalentes, que reservam às adolescentes do sexo feminino a responsabilidade sobre a utilização dessa proteção que é mútua, muito mais do que entre os meninos pertencentes à mesma faixa etária e já iniciados sexualmente.

Da mesma forma, as concepções tradicionais sobre papéis de homens e mulheres, com relação à família, prevalecem entre os jovens entrevistados.

No contexto da atenção educativa e assistencial em saúde, essa constatação serve de alerta para que os profissionais procurem utilizar-se do conhecimento e reconhecimento das diferenças, para a implementação de formas de abordagem mais adequadas e específicas às necessidades de cada clientela.

Ao mesmo tempo, o processo de educação permanente em saúde e de humanização da atenção em todos os níveis deve permear as ações do cotidiano de promoção da saúde e prevenção de doenças; devem ser enfatizados os preceitos de igualdade e repelida a consolidação de valores e práticas de diferenciação e preconceito, que só acirram as relações de poder (relacionadas ou não ao gênero), ferindo os princípios fundamentais de democracia e de autonomia de todo ser humano.

Um grande desafio se impõe a educadores e profissionais de saúde que atuam com adolescentes em relação à sexualidade. Cada vez mais, faz-se necessário trabalhar essa problemática, que ainda é tida como um tabu na sociedade, sem perder de vista as questões de gênero que a permeiam. Assim, o presente estudo possibilita ampla discussão no contexto da atenção ao jovem e adolescente no meio, abrindo horizontes para a reflexão sobre a construção das práticas no campo social, para a melhor compreensão do outro, para a promoção de uma convivência harmônica, cooperativa e satisfatória.

Referências

- ALMEIDA, A.F.F.; HARDY E. Vulnerabilidade de gênero para paternidade em homens adolescentes. *Rev. Saude Publica*, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 565-72, 2007.
- BANDEIRA, L. Relações de gênero, corpo e sexualidade.

In: GALVÃO, L.; DIAZ, J. (Org.). Saúde sexual e reprodutiva. São Paulo: Hucitec, 1999. cap. 6, p. 180-197.

BORGES, A.L.V.; SCHOR, N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002. *Cad. Saude Publica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 499-507, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação de DST/AIDS. *Manual do multiplicador: adolescente*. 2. ed. Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Pesquisa sobre comportamento sexual e percepções da população brasileira sobre HIV/Aids*. Brasília: Coordenação Nacional de DST/AIDS, 2000.

COSTA, M.C.O. Crescimento e desenvolvimento na infância e na adolescência. *In: COSTA, M.C.O.; SOUZA, R.P. (Org.). Avaliação e cuidados primários da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 35-51.

DANIEL, H.; PARKER, R. *Aids a terceira epidemia: ensaios e tentativas*. São Paulo: Iglu, 1991.

ENGLE, P.L.; LEONARD, A. Los padres omo compañeros em la crianza de los hijos. *In: BRUCE, J. (Ed.). La família em la mira: nuevas perspectivas sobre madres, padres e hijos*. New York: Population Council, 1998.

GREGORI, R.; ARILHA, M. Sexualidade na adolescência. *Jornal da Febrasco*, São Paulo, v. 6, n. 4, p. 4, 1999.

HEILBORN, M.L. Construção de si, gênero e sexualidade. *In: HEILBORN, M.L. (Org.). Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 40-59.

PINTO, E.B. *A orientação sexual na escola*. São Paulo: Gente, 1999.

SOCIEDADE CIVIL BEM-ESTAR FAMILIAR NO BRASIL. Programa de Pesquisa de Demografia e Saúde Macro Internacional. *Brasil: pesquisa nacional sobre demografia e saúde*, 1996. Rio de Janeiro, 1997.

SUAREZ, M. et al. Violência, sexualidade e saúde reprodutiva. *In: GALVÃO, L, DIAZ, J. (Org.). Saúde sexual e reprodutiva*. São Paulo: Hucitec, 1999. cap. 11, p. 277-309.

TORRES, C.A. et al. Relações de gênero e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: percepções sobre a sexualidade dos adolescentes. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 296-302, 2007.

VIEIRA, E.M. Políticas públicas e contracepção no Brasil. *In: BERQUÓ, E. (Org.). Sexo e vida: panorama da saúde reprodutiva no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2003. p. 151-96.

Received on December 11, 2007.

Accepted on August 08, 2008.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

ANEXO - Questionário

- 1 - Idade
- 2 - Você notou alguma mudança no seu corpo? Que tipo de mudança?
- 3 - Você sabe por que estão ocorrendo essas mudanças? (Se você já passou por essas mudanças pule para a pergunta n° 4).
- 4 - Você aceita o seu corpo?
- 5 - Você, garota, já menstruou? Sabe o que é?
- 6 - Você, garoto, já teve polução noturna (gozou dormindo)?
- 7 - Você já conversou sobre isto com alguém?
- 8 - Com quem você tira suas dúvidas? Pais () professores() colegas () ou quem? _____
- 9 - Qual a diferença entre namorar e ficar para você?
- 10 - Você já namorou? Quantos namorados(as) já teve?
- 11 - Nos últimos seis meses, ficou com alguém? Se afirmativo, quantas vezes?
- 12 - Você fica sempre com a mesma pessoa?
- 13 - Você, menino ou menina, tem medo de perder a virgindade?
- 14 - O fato acima para você é importante? Justifique
- 15 - Você conhece algum contraceptivo (método para evitar a gravidez)?
- 16 - Você já usa algum contraceptivo (método para evitar a gravidez)? Liste os métodos.
- 17 - Você tem algum tipo de relacionamento sexual (transa)?
- 18 - Com que idade você começou a transar?
- 19 - Quais os motivos que o (a) levaram a transar?
 - () álcool () drogas () cigarro () outros
 - a) Que sentimentos estavam envolvidos nessa transa?
 - () amor () amizade () carinho () respeito () atração física (tesão)
 - b) O que você sentiu após a transa?
 - () felicidade () prazer () amor () realização () dor () decepção
 - () arrependimento () medo
 - c) Essa transa teve alguma consequência?
 - () gravidez () doenças sexualmente transmissíveis () fim de relacionamento
 - () aproximação do parceiro () sangramento () dor (desprezo, arrependimento, culpa etc...)
- 20 - Você tem diálogo aberto com seus pais sobre o assunto em questão?